

A ATUALIDADE DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO

Salmen Chaquip Bukzem

Resumo: Este trabalho descreve a filosofia e suas origens. Apresenta Platão e sua obra clássica intitulada “O Mito da Caverna” contido no livro A República, escrito há mais de 2000 anos. Faz uma distinção entre conhecimento sensível e conhecimento inteligível, presentes no trabalho do filósofo. Em seguida, compara a realidade de Platão com a realidade atual apresentando as semelhanças existentes. O trabalho afirma que hoje o homem é chamado a ter uma postura analítica de seu tempo e de suas escolhas.

Palavras-chave: Caverna, Platão, Sociedade, Homem, Cidade.

Abstract: This work describes the philosophy and its origins. It presents Plato and his classic work entitled “The Myth of the Cave” contained in the book The Republic and written over 2000 years ago. It makes a distinction between sensible knowledge, and intelligible knowledge, present in Plato's work. Then, he compares the philosopher's reality with the reality of today, presenting the existing similarities. The work affirms that today man is called to be an analytic of his time and his choices.

Keywords: Cave, Plato, Society, Man, City.

INTRODUÇÃO

“Filosofia” é uma palavra que se utiliza com muita frequência pelo fato de poder ser empregada em diversos contextos. A pergunta “O que é Filosofia?” é complexa e envolta de polêmicas. Ao longo da história, vários pensadores diferentes apresentaram as suas ideias sobre o que vem a ser Filosofia, mas nunca houve um consenso estabelecido e definido sobre a sua essência.

Ao consultarmos os dicionários, nos deparamos com diversas explicações. Segundo o Michaelis (2021), Filosofia pode ser entendida como: “amor pela sabedoria, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua própria ignorância” ou como é definida no *platonismo*, “investigação da dimensão essencial e ontológica do mundo real, ultrapassando a opinião irrefletida do senso comum que se mantém cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis”, no âmbito das relações como “o conhecimento

Fonte de financiamento: Própria
Conflito de interesse: Não
E-mail do autor-correspondência:
Data de recebido. 20/12/2022
Data de aprovado. 31/12/2022
Editor: Marcelo Máximo Purificação.



científico, conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam as ciências particulares, contribuindo para o desenvolvimento de muitos destes ramos do saber”, na dimensão metafísica, “conjunto de especulações teóricas que compartilham com a religião a busca das verdades primeiras e incondicionadas, tais como as relativas à natureza de Deus, da alma e do universo, mas utilizando procedimentos argumentativos, lógicos e dedutivos”.

A partir da análise dos conceitos apresentados acima, é possível depreender que o conceito de Filosofia é muito complexo e a sua origem remonta a tempos muito antigos que sem dúvida estão associados a uma mudança significativa da consciência racional na humanidade. Tal mudança acontece devido ao abandono gradativo das explicações dadas pela mitologia e a busca por um conhecimento seguro. A consciência mítica era caracterizada pelas explicações tradicionais encontradas nas histórias mitológicas (BUXTON, 2019).

A filosofia nasceu na Grécia antiga, no início do século VI a.C. Tales de Mileto é reconhecido como o primeiro filósofo, apesar disso, foi outro filósofo, Pitágoras, que cunhou o termo "filosofia", uma junção das palavras "*philos*" (amor) e "*sophia*" (conhecimento), que significa "amor ao conhecimento". Porém, alcançar este entendimento pode ser difícil e aludir apenas a um saber distante das pessoas pois, tanto o termo “amor” como o termo “sabedoria”, traz, já por si mesmo, muita dúvida. Mesmo assim, costuma-se dizer, porém, que Pitágoras teria concebido o conteúdo de filosófico em correspondência com o que diz esta expressão. Mas a intenção não seria provar isso e sim apontar o que há de mais peculiar no saber filosófico (BUENO, 2012).

De acordo com Iglesias (2012), professora emérita da PUC – Rio

Filosofia não é um saber qualquer: não é, por exemplo, um “saber que o fogo queima”, ou um “saber nadar”, ou um “saber plantar”, ou um “saber fazer vestidos”, por mais úteis e até mesmo indispensáveis que sejam todos esses tipos de saber. “Filosofia” tem, mesmo no seu sentido lato, uma ligação com um saber que se percebe como sendo mais relevante, relativo a coisas mais fundamentais, embora menos diretamente úteis, que um simples saber empírico, ou que um saber ligado a produções de coisas indispensáveis para a sobrevivência. Não é, pois, meramente arbitrário o uso da palavra “filosofia” em todos os casos citados acima.

Ainda conforme a autora, “A filosofia, começa quando algo desperta nossa admiração, espanta-nos, capta nossa atenção (que é isso? por que é assim? como é



possível que seja assim?), interroga-nos insistentemente, exige uma explicação” e complementa afirmando que qualquer cultura tem, desde seus primórdios, respostas e explicações às questões interpostas no decorrer da sua caminhada.

A Filosofia seria, para Chauí (2005), aquele movimento que Sócrates iniciou na Antiguidade de olhar para dentro de si “conhece-te a ti mesmo são as palavras entalhadas no templo dedicado a Apolo em Atenas que tanto marcaram a trajetória de Sócrates, para então tentar entender o mundo e a verdade”. Esse movimento seria percebido apenas em momentos de crise, quando a pessoa sai de sua zona de conforto e percebe a existência de uma realidade muito maior do que a que ela julgava existir.

A FILOSOFIA E OS HOMENS

Sendo a maioria das pessoas pouco exigente, as explicações dadas pelo mito ou quaisquer outras explicações prontas de uma cultura bastam para quebrar o espanto nascente e, assim sendo, a filosofia não acontece. Aliás, é comum também que as questões mais fundamentais nem cheguem a ser postas. Um ser humano pode crescer assimilando com naturalidade as explicações dadas pela sua cultura sobre o mundo que o circunda, quer se trate do mundo físico, quer do social. As pessoas crescem aceitando sem discutir os papéis sociais que lhes são atribuídos sem jamais questionar seu valor e seu porquê, como se tudo fosse parte da ordem natural e inevitável das coisas (VILHENA, 2017).

A filosofia, então, assume relevante papel nesta questão porque, ao incentivar a liberdade de pensar e do senso crítico, cria uma maneira independente de se pensar sobre diversos assuntos, impulsionando o conhecimento e libertando as pessoas das amarras que as prendem a interesses de terceiros. A Filosofia é uma forma de pensamento se tornar maior que ele mesmo quando mantém acesa a chama que aquece a busca pelo conhecimento sem, na maioria das vezes, fornecer respostas prontas e acabadas. Filósofo é, então, aquele que se dedica a estudar e investigar os princípios, a origem e a essência de todas as coisas e de todos os fatos, assim como a natureza e o ser humano, para entendê-los e explicá-los.

Tales, considerado o primeiro filósofo da tradição ocidental, era um observador inquieto, dono de uma curiosidade intelectual que deu origem à filosofia e ao estudo sistemático da matemática. Ele também conseguiu explicar as enchentes do rio



Nilo, que aconteciam periodicamente, sem recorrer a qualquer tipo de elemento sobrenatural. Da época de Tales de Mileto até hoje, muitos filósofos deixaram seu pensamento gravado nos registros da história (PORFÍRIO, 2021).

PLATÃO

Dentre estes, destaca-se Platão, discípulo de Sócrates e um dos mais importantes filósofos da Grécia Antiga. Nascido em Atenas, no ano de 428 a.C., e falecido em 348 a.C., o apelido Platão foi conferido ao filósofo em sua juventude por causa de seus atributos físicos, por ser um homem forte, de ombros largos (a palavra correspondente em grego, *Platon*, significa “omoplatas largas”, “costas largas”, “ombros grandes”).

Porfirio (2021) informa ainda que Platão destacou-se por ter lançado a sua teoria idealista e por ter deixado escrita a maioria dos textos conhecidos hoje sobre Sócrates e complementa:

O idealismo platônico consiste, basicamente, em uma distinção entre conhecimento sensível, inferior e enganoso, que seria obtido pelos sentidos do corpo, e conhecimento inteligível, superior e ideal, que acessaria a verdade sobre as coisas. O conhecimento inteligível seria aquele que permite o nosso acesso ao ser e à essência de algo, que seria imutável, ao contrário da aparência, que pode enganar-nos. O conhecimento inteligível estaria no Mundo das Ideias e das Formas, enquanto o conhecimento sensível estaria em nossa realidade material. O Mundo das Ideias ou das Formas (que deve ser escrito com letra maiúscula) seria a realidade intelectual, verdadeira, eterna e imutável, que pode ser acessada apenas por meio da capacidade racional do ser humano. Nessa instância, estariam as essências das coisas, os conceitos, as ideias fixas e imutáveis que descrevem essencialmente cada ser ou objeto existente. Já o mundo sensível seria a realidade com a qual nos defrontamos em nosso mundo prático, que experimentamos. Essa realidade sensível é ilusória e enganadora, pois, para usar um jargão popular no qual Platão inspirava-se: as aparências enganam.

O Mito da Caverna

Platão descreve que alguns homens se encontram aprisionados em uma caverna. Não conseguem se mover em virtude das correntes que os mantêm imobilizados. Virados de costas para a entrada da caverna, veem apenas o seu fundo. Atrás deles há uma parede pequena, onde uma fogueira permanece acesa. Por ali, passam homens



transportando coisas, mas como a parede oculta o corpo dos homens, tudo o que os prisioneiros conseguem ver são as sombras desses objetos transportados, sombras projetadas no fundo da caverna que são compreendidas pelos prisioneiros como sendo reais (PLATÃO, 1999).

Certo dia, um dos prisioneiros consegue se libertar e, com muita dificuldade, encontra a saída da caverna. No entanto, a luz da fogueira e a do exterior da caverna agridem os seus olhos, já que ele nunca tinha visto a luz. O ex-prisioneiro pensa em desistir e retornar ao conforto da prisão a qual estava acostumado, mas gradualmente consegue observar e admirar o mundo exterior à caverna (PLATÃO, 1999).

Entretanto, tomado de compaixão pelos companheiros de aprisionamento, ele decide enfrentar o caminho de volta à caverna com o objetivo de libertar os outros e mostrar-lhes a verdade. No diálogo, Sócrates propõe que Glauco, seu interlocutor, imagine o que ocorreria com esse homem em seu regresso. Glauco responde que os outros, acostumados à escuridão, não acreditariam no seu testemunho e que aquele que se libertou teria dificuldades em comunicar tudo o que tinha visto. Por fim, seria possível que o matassem sob a alegação de perda da consciência ou loucura (PLATÃO, 1999).

O Mito da Caverna ou Alegoria da Caverna faz parte do livro *A República*, escrito há mais de dois mil anos. Esse mito se tornou muito conhecido por trazer reflexões filosóficas, políticas e sociais que ainda se aplicam atualmente. O texto consiste precisamente em uma imagem construída por Sócrates para explicar a seu interlocutor, Glauco, o processo pelo qual o indivíduo passa ao se afastar do mundo do senso comum e da opinião em busca do saber, da visão do Bem e da Verdade. No decorrer da narrativa, percebem-se as aberturas e as resistências que os personagens apresentam no processo de percepção e reflexão. A vida dentro da caverna representa o mundo sensível, aquele experimentado a partir dos sentidos, onde reside a falsa percepção da realidade; enquanto a saída da caverna representa a busca pela verdade, o chamado mundo inteligível, alcançado apenas pelo uso da razão (CARNEIRO, 2016).

É esse precisamente o percurso do prisioneiro até transformar-se no sábio, no filósofo, devendo depois retornar à caverna para cumprir sua tarefa político-pedagógica de indicar aos seus antigos companheiros o caminho da libertação. Ao falar sobre o mundo sensível e o mundo inteligível, Platão descreve também sua filosofia idealista. Em outras palavras, o filósofo defende que o verdadeiro conhecimento está



acima do senso comum e do que aprendemos pelos sentidos. Ele está, na verdade, no mundo das ideias (MARCONDES, 2000).

A partir deste relato e das explicações, é possível perceber que o Mito da Caverna está presente ainda hoje em nossa sociedade, que vive um tempo de conflitos onde as pessoas vivem em cavernas, no mundo da escuridão e da falta de perspectiva. Só o homem maduro é questionador e não se contenta com a mesmice, foge de um tempo medíocre ou sem qualidade de vida. Platão, no seu mito, nos fala que o homem curioso é capaz de sair da caverna e observar o mundo cheio de luz que está no lado de fora.

Sair da caverna também significa superar os esquemas de alienação e de medo de conhecer a verdade. Há um pouco de verdade em cada pessoa. O ser precisa se libertar das amarras mais escuras de sua mente. O homem é chamado a andar por caminhos novos, é chamado a descobrir o diferente, a retirar de sua mente aquilo que o impede de ser feliz. No mundo da caverna, somos prisioneiros e medrosos. Quem sai da caverna encontra coragem para continuar a viver (PLATÃO, 1999)

O Mito da Caverna é ainda uma metáfora criada pelo filósofo na tentativa de explicar a condição de ignorância em que vivem os seres humanos, aprisionados pelos sentidos e os preconceitos que impedem o conhecimento da verdade. O Mito da Caverna é um dos textos filosóficos mais debatidos e conhecidos pela humanidade. Nele, estão as bases do pensamento platônico, o conceito de senso comum em oposição ao senso crítico e à busca pelo conhecimento verdadeiro. Para Platão, a caverna simbolizava o mundo onde todos os seres humanos vivem e descreve a importância do senso crítico e da razão para que os indivíduos possam se “libertar das correntes” e buscar o conhecimento verdadeiro, representado pelo mundo exterior à caverna. O prisioneiro que se liberta das correntes e volta para ajudar seus iguais faz o papel do filósofo, aquele que tem como objetivo libertar o máximo de pessoas da ignorância (MENEZES, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Mito da Caverna chama atenção por manter-se atual. A alegoria de Platão pode ser interpretada como uma crítica aos que, por preguiça ou falta de interesse, não questionam a realidade e aceitam as ideias impostas por um grupo dominante. Na atualidade, as cidades estão repletas de seres que estão no mundo subjetivo do medo e da



covardia. São violentadas pelos seus próprios fantasmas com os medos da cidade sem perspectiva de mudança (MATOS, 2011).

Muitas pessoas, entretanto, não querem sair da caverna por receio de enfrentar seus medos, suas dificuldades. É preciso sair da letargia, conhecer o novo que está no lado de fora, desafiar o inconsciente com a força da razão. Só se pode melhorar as coisas por meio da curiosidade e da ação. É necessário fugir da escuridão para ver a luz, mesmo que doa aos olhos, pois eles conseguirão se adaptar depois. Quando o ser não quer desafiar os seus problemas, não procura desvelar-se, não procura encontrar um sentido, se perde da sua essência (MATOS, 2011).

Num mundo como o atual, em que as tecnologias de informação e comunicação expandem fortemente a relação com as telas e a digitalização ou virtualização da vida, percebemos nossa inserção cada vez maior neste universo não existente em termos reais, apenas visuais, auditivos, criados por programadores, que desenham e estruturam a forma como pensamos, agimos, interagimos, sonhamos. A alegoria ou metáfora da caverna, por sua vez, propõe que pensemos nossa autonomia num mundo em que se utilizam meios para que não sejamos verdadeiramente independentes, apesar de pensarmos que somos. (MACHADO, 2018).

Tendo as pessoas lido ou não a “A República”, de Platão, o Mito da Caverna é de conhecimento comum. Seja em casa, na escola, no trabalho, na faculdade ou até mesmo na mesa de bar, a ideia de Platão sobre a realidade refletida em sombras na parede já foi ouvida, contada ou discutida por muitos e representa aquilo que se pode observar com os olhos, ou apenas aquilo que perigosamente se observa com os olhos, nada além disto.

O mundo está cheio de prisioneiros, daqueles que acreditam que as coisas são aquilo que aparentam, da forma que se apresentam diante deles, neste contexto, a televisão e a internet são as cavernas da atualidade. As imagens exibidas nos monitores são “as sombras refletidas nas paredes” repetindo a alegoria tão antiga.

Às vezes, alguns homens se prendem em suas cavernas por que é mais segura e confortável. Eles não querem descobrir o maravilhoso mundo da inteligência que está lá fora esperando por eles. É preciso elevar o espírito para possuir o grau mais elevado de consciência de si mesmo. Cada homem, cada mulher são destinatários da curiosidade, expectadores e agentes no universo da liberdade.



REFERÊNCIAS

BUENO, Vera Cristina de Andrade. **A Filosofia Analítica**. RESENDE, Antonio. Curso de Filosofia para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2012.

BUXTON, Richard. **O mundo completo da mitologia grega**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2019

CARNEIRO, Antonio Carlos. **Uma interpretação do ensino de filosofia segundo o mito da caverna**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/27-53-1-SM.pdf> acesso em 18/06/2021. Acesso em 10/06/2021.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. Vol. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____ **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

IGLÉSIAS, Maura. **O que é filosofia e para que serve**. RESENDE, Antonio. Curso de Filosofia para professores e alunos dos cursos de ensino médio e de graduação. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2012.

MACHADO, João Luís de Almeida. **A atualidade das ideias de Platão**. Disponível em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/inspiracao/a/191/a-atualidade-das-ideias-de-platao>. Acesso em 14/06/2021.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de Filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MATOS, Lucas Pereira. **A alegoria da Caverna e seu Mito Hoje**. Revista Pandora Brasil – Número 34, setembro de 2011 – ISSN 2175-3318

MENEZES, Pedro. **Significado do Mito da caverna**. Disponível em <https://www.significados.com.br/mito-da-caverna/>. Acesso em 20/06/2021.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=laWy8>. Acesso em 15/06/2021

Platão. **Diálogos 3: A República**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

PORFÍRIO, Francisco. **"Tales de Mileto"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/tales-de-mileto.htm>. Acesso em 26 de junho de 2021.

VILHENA, Oscar. **A naturalização da desigualdade**. Disponível em <https://www.institutomillennium.org.br/naturalizacao-da-desigualdade/>



Sobre o autor:

Salmen Chaquip Bukzem: Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Inhumas – FACMAIS. Graduado em Desenvolvimento de Sistemas de Informação, Especialista em Gestão de Segurança da Informação e Comunicações e em Docência do Ensino Superior. Militar da Força Aérea com atuação na Prevenção e Investigação de Acidentes Aeronáuticos. Coordenador do Curso de Ciências Aeronáuticas da PUC Goiás